

mudar a



publicação do graal

Publicação bimestral — 25000



PORTE PAGO

58.
JAN./FEV. 1986

- um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo
- um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade
- um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos



VIVER OU ULTRAPASSAR O TEMPO (2)

TRÊS FORMAS DE ULTRAPASSAR O TEMPO

Descrevemos o homem como um ser sequioso de ultrapassar o tempo e convicto de que é possível fazê-lo. Ora há três actos humanos pelos quais o homem tradicionalmente foi tentando sobrepôr-se ao domínio do tempo ou, pelo menos, dominar o jugo temporal. Haverá assim três «êxtases» temporais, quer dizer, três vitórias humanas sobre o tempo. Uma tenta conter o fluxo do tempo pelo conhecimento de tudo o que **existe** (passado, presente e futuro); outra tenta saltar para fora do tempo, perdendo toda a consciência do seu fluir pela experiência do amor (experiência do intemporal); uma outra ainda pretende transformar o próprio tempo, ou pelo menos procurar o seu cerne, pelo acto de trabalhar no tempo (atravessando-o por dentro).

Vejamos em que consistem estas três atitudes.

1. O conhecimento

A primeira, e a mais sofisticada, é a via do gnosticismo: salvar o conhecimento (gnósis, jñāna, visio...). Se efectivamente conseguirmos **conhecer** autenticamente, esse acto em si mesmo tornar-nos-á independentes do tempo, ou colocar-nos-á fora dele. A quantidade de conhecimentos que possuímos, essa não está livre da garra do tempo, mas o conhecimento puro e a intuição intelectual transcendem o tempo. O sábio é aquele que já atravessou para a outra margem do rio do tempo.

Este ideal é perseguido pelo homem desde que a si mesmo se descobriu como **homo sapiens**.

Não só os gnósticos, os alquimistas, os místicos e ocultistas tiveram a nostalgia de um conhecimento que salva, como ainda cientistas e filósofos habitaram o sonho de um dia poderem vir a decifrar os mistérios

do real. E isto não só pelo prazer que daí advém, mas porque acreditavam que a libertação, a salvação e a justiça, a felicidade e a verdade estão subjacentes a esse conhecimento.

«Iluminação» é uma palavra de muitas acepções, mas é geralmente a que se usa neste contexto. É que, uma vez que o conhecimento ilumina todos os segredos escondidos pelo tempo, o homem deixa de ser um ser temporalmente fragmentado. E o que antes era privilégio de um Deus inatável torna-se então modelo utópico do cidadão iluminado, do cientista perfeito, do verdadeiro filósofo, do sábio omnisciente.

2. O amor

O amor (agapé, **bhakti**) é outra experiência humana intemporal. O genuíno acto de amor parece não ser afectado pelo factor tempo. Que o amor anseia pelo eterno qualquer poeta o sabe e canta: não faz sentido querer amar por cinco minutos; nem amor seria. (Claro que outra coisa é dizer que o mesmo amor pode desvanecer-se após cinco minutos...).

Se é o sábio o modelo da primeira via de que falamos, o santo é o ideal deste segundo caminho. O santo é o ser humano genuinamente feliz e perfeito. É senhor do tempo, porque está acima das misérias do tempo — sendo o temporal aqui sinónimo de transitório, falacioso e até de desprezível. A salvação e a felicidade só podem encontrar-se acima da aparência fugitiva e decepcionante das coisas temporais.

Não é estranho que muitas religiões tenham acentuado o conhecimento ou o amor como o caminho através do qual o homem chega à salvação, à libertação; à felicidade e à plenitude. Sejam como forem esses caminhos, os efeitos salvíficos de ambos ligam-se com o acto de ultrapassar do fluir do tempo e o de libertar-se da marca da temporalidade.

3. A acção

Há outro caminho ainda, que tradicionalmente parece ter sido o mais importante e proeminente para alcançar a finalidade da vida humana, em relação ao qual as religiões todas, antigas e modernas, intentam conduzir. É uma via de acção: a realização de certos actos de ritual, através dos quais se atinge a plenitude desejada. A religião será aqui pois a primeira de todas as práticas.

Embora as outras vias tenham reinterpretado o sacrifício segundo as suas perspectivas próprias, nesta terceira via temos o sacrifício no seu significado primordial. E, o que é mais significativo, vemos aqui as mais antigas tradições religiosas da humanidade em profunda afinidade com as correntes mais modernas do homem secularizado. Porque aqui o trabalho redime o homem e não é visto como uma actividade meramente profana, mas como acto sagrado, nada lhe retirando no entanto o carácter de realidade secular. (É que sagrado opõe-se a profano, e não a secular).

O SACRIFÍCIO SECULAR

Ao compararmos a nossa situação contemporânea com problemas do passado, temos de atender aos diferentes horizontes de inteligibilidade; por outras palavras, temos de tomar em consideração os diferentes mitos subjacentes às culturas de que falamos. Ora, o mito de uma época ou de uma cultura é o horizonte espontâneo ou não problematizado contra o qual factos e acontecimentos se situam de forma que o homem os entenda. O mito constitui o nível último de inteligibilidade de uma dada cultura ou subcultura; ele é esse horizonte em que acreditamos sem acreditarmos que acreditamos nele, de tal forma isso faz parte de nós. Por exemplo: a história é um critério de verdade; um facto é tomado como real, se puder provar-se que é um facto histórico. Efectivamente isto é um mito do ocidente moderno, provavelmente de origem semítica, e não um dado universal na experiência humana. É por isso que podemos facilmente detectar o mito dos outros sem termos consciência de que nós também temos os nossos próprios mitos, da mesma forma que instintivamente detectamos o sotaque de outros que falam uma determinada língua, mas não reparamos no nosso próprio sotaque — a não ser que outros nos chamem a atenção para o facto.

Falar de sacrifício como o ritual genuíno para ultrapassar o tempo poderá facilmente ser aceite pelo historiador de religiões no seu entendimento de outros povos e culturas. A questão, porém, torna-se mais delicada quando se aplica à situação actual. No entanto, poderíamos hoje verificar como algumas das instituições subjacentes às teorias tradicionais sobre o sacrifício são ainda hoje válidas na sociedade contemporânea.

Mais: esta perspectiva poderá ajudar-nos não só a entender a nossa posição moderna, mas também a

transformá-la, colocando-a num contexto mais amplo e mais profundo. E isto é tanto mais importante quanto as duas vias tradicionais — a do conhecimento e a do amor — parecem hoje estar em decadência depois de terem tido séculos de predominância no mundo religioso: o **homo sapiens** e o **homo amans** estão cada vez mais a ceder o lugar ao **homo faber** e ao **homo agens**. Parece ter-se tornado um axioma moderno o facto de não ser pelo conhecimento nem pelo amor que vamos salvar e justificar as nossas vidas, mas sobretudo pela acção e pela transformação.

CARÁCTER SAGRADO DO TRABALHO

O que se disse até aqui não deverá ser entendido como se as vias de contemplação ou da sabedoria e as do amor e da devoção fossem hoje já obsoletas. O que pretendo fazer é estabelecer um elo com a tradição e a partir dela descobrir um ponto de crescimento.

Certamente, o homem moderno secularizado não realiza nem o sacrifício védico nem o cristão; o conceito de acção também evoluiu. Contudo, em certo sentido, o homem moderno realiza acções sacrificiais: os esforços do bom cidadão para aumentar o bem estar social, a preocupação do verdadeiro intelectual, em melhorar as condições de vida dos seus concidadãos, o ideal sincero do cientista em trabalhar para o progresso do mundo, o sofrimento das pessoas envolvidas, nacional e internacionalmente, na eliminação da pobreza, da doença, da injustiça, etc. poderiam ser olhados como exemplos de acções sacrificiais. Não deveriam os **pathos** por detrás de tais atitudes, mesmo se estas forem totalmente seculares. A mentalidade da ética do trabalho não é privilégio do protestantismo anglo-saxónico. Outros cristãos, assim como muçulmanos, comunistas, socialistas e humanistas partilham dessa crença: o homem justifica a sua existência pelo trabalho. Nunca como hoje foi seguido o princípio enunciado por S. Paulo: «quem não trabalha também não deverá comer». Talvez seja este um traço latente em todas as culturas de origem abraâmica. O trabalho é a maneira como o homem crê poder pagar a sua dívida para com a sociedade e para com o passado e pela qual justifica a sua existência. E isto na medida em que ele acredita estar a colaborar na criação de uma sociedade mais justa e mais humana. O trabalho é sagrado e o ser verdadeiramente humano é um **trabalhador**. Isto ainda não é tudo: o trabalho parece ser o «herdeiro» do sacrifício tradicional; e de facto a maior parte das leis e regulamentações da civilização moderna prescrevem rituais para que esse sacrifício grandioso da comunidade trabalhadora se realize como deve ser. O trabalho, ouvimos em diferentes tons, já não é tarefa de escravos, mas de cidadãos livres; o trabalho enobrece, é «uma forma de culto». O trabalho de todos faz com que uma nação enriqueça e seja próspera, permite aos cidadãos o merecido «paraíso da abundância», da liberdade e da felicidade. Educadores, médicos, advogados, engenheiros e polí-

ticos são os novos e respeitadas sacerdotes desta religiosidade moderna. Os edifícios dos bancos de hoje estão mais bem tratados e adornados com tapeçarias,

quadros, flores e lugares para nos sentarmos do que as próprias igrejas; as horas sagradas deixaram de ser as do tempo livre, mas são as do trabalho.

«TIRAR» O TEMPO A ALGUÉM?

Actualmente, e com igual rigor ao das religiões tradicionais mais ortodoxas, o tempo é regulamentado e considerado sagrado. As horas de trabalho são reconhecidas como as mais preciosas horas do dia, ao ponto de serem meticulosamente calculadas até ao minuto exacto. As outras horas são menos importantes.

Um empregado que faça horas extraordinárias é naturalmente mais bem pago, precisamente porque está a sacrificar mais do seu tempo. «Tirar o tempo a alguém» ou «pedir a alguém um pouco do seu tempo» sem qualquer compensação, significa uma exploração ou, pura e simplesmente, um roubo...

Se forem produzidas máquinas que poupem tempo, todos ficaremos então salvos do esforço doloroso ligado ao trabalho...

O sacrifício, o «sacrificador» e o sacrificado — como nos livros dos Vedas e no Novo Testamento — ficarão, em última instância, unidos.

O trabalho moderno pretende pois libertar o homem dos limites do tempo e ajudá-lo, não só a redimir a sua vida das amarras de uma existência no tempo, como a justificar a própria existência, ao permitir-lhe a colaboração na «salvação» do mundo.

O SACRIFÍCIO CONTEMPORÂNEO

Tornou-se claro no último quartel do século XX, especialmente nos países tecnicamente mais desenvolvidos, que a descrição precedente parece caricatural: o trabalho moderno tende a fazer das pessoas escravos, a exploração não diminuiu, o tempo livre está reduzido apenas à preparação de uma melhor produção no futuro; o próprio êxito dos mais capazes, dos que «ganham» na livre competição resulta em miséria para os outros; a tecnologia devora os seus próprios pais, etc. Por agora não estou a defender coisa nenhuma, mas apenas a tentar perceber este aspecto central da modernidade, descrevendo o impulso fundamental da atitude secular e detectando as suas raízes profundas na tradição.

Noutra visão esquemática da civilização humana queria sugerir o seguinte: os tempos antigos caracterizavam-se pela **crença teológica** de que a vida humana é parte de uma aventura divina. Os rituais expressam a luta dos homens e dos deuses conjuntamente. (O período helenístico inicial e o védico poderiam ser citados como exemplos). A Idade Média é representada pela **crença cosmológica** de que a dignidade consiste em colaborar no equilíbrio do mundo. Os rituais antigos e os mistérios sagrados são assim convertidos em expressões de e em meios para a participação humana no destino do universo.

A modernidade é moderada por uma crença humanística em que a vida humana em si mesma se justifica pelo serviço da raça humana e pelo trabalho conjunto em ordem ao progresso da sociedade. Os rituais antigos são aqui transformados no comportamento ético da comunidade, seja ela nação, estado, partido, igreja, academia ou qualquer grupo. A situação actual mostra a crise da modernidade e a impotência do homem em regressar às duas atitudes anteriores. Os rituais antigos

não morrem e de facto muitas formas novas de religiões antigas parecem emergir de forma efémera.

Com isto queremos dizer que tanto os conceitos meramente tradicionais de sacrifício como as tentativas seculares modernas se revelam incapazes de satisfazer as aspirações profundas e as necessidades autênticas do homem contemporâneo. E contudo sem elas ele não pode viver, nem pode inventar artificialmente novos caminhos ecléticos. Trata-se de uma fecundação mútua, entre o novo e o velho; e a esperança de que um tal encontro seja autêntico poderá produzir um ser novo quando «o tempo estiver amadurecido». É isso que nos interessa.

A atitude secular não é apenas, ou primordialmente, um ataque contra religiões estabelecidas; é fruto da experiência do carácter real, positivo do tempo. A temporalidade é um traço intrínseco e essencial a todos os seres e ao próprio Ser. Sem dúvida, o Ser pode «ser dito de muitas maneiras», mas o Tempo tem também múltiplos significados.

Agora, no mundo de hoje, precisamente porque os entusiasmos acrílicos da primeira hora sedimentaram, há lugar e necessidade para o sacrifício como redenção do tempo. Num mundo secular, um sacrifício libertador não pode libertar-nos do tempo — isso significaria uma aniquilação, ou pelo menos uma alienação, uma vez que o tempo coexiste com o ser; nem pode, o sacrifício, libertar-nos de uma temporalidade meramente cosmológica e assim desligar-nos na nossa condição terrena e humana. Aqui a libertação do tempo não tem em vista fazer-nos entrar num reino intemporal. Significa antes a nossa redenção do tempo inautêntico, do tempo repetitivo e «chato», significa a redenção da ditadura do tempo e especialmente da miragem de um tempo totalmente dominador, que desgasta todas as dimensões do nosso ser.

Como viver uma vida autêntica, liberta de todos os vestígios de um tempo desperdiçado e inautêntico?

Como justificar a nossa existência? Como salvar as nossas vidas?

Melhor de que uma crítica aguda e negativa aos problemas e defeitos da sociedade moderna — crítica fácil de fazer — seria a atitude construtiva de apontar para o dinamismo profundo, subjacente e em grande parte inconsciente, que atravessa as várias tentativas do homem moderno para dominar a sua condição humana. A faceta do tempo é suficientemente profunda e fulcral para nos dar uma pista relativamente a algumas questões fundamentais.

Ora, o lugar e a função do sacrifício surge precisamente aqui. A essência do sacrifício não é o cordeiro, a flor, o pão ou uma qualquer rúbrica especial, mas é o ritual através do qual o homem descobre a salvação, vence o domínio do tempo e é resgatado da sua escravatura.

O sacrifício secular, de acordo com aquilo em que o homem contemporâneo acredita, não nos retira do tempo, transportando-nos a um reino intemporal. Tal reino a seu ver não existe. O sacrifício secular não nos salva do tempo, mas salva o próprio tempo, porque o tempo precisa de ser redimido, purificado, sublimado — e eventualmente precisa que o seu cerne «tempiterno» se revele. Todavia, para que isto aconteça, urge que o sacrifício realizado seja genuíno e não uma espécie de pantomima em que tantas vezes aparece transformado.

As múltiplas tentativas do homem secularizado para dominar o tempo, por exemplo, mostram a mesma inquietação profunda presente nas formas de religiosidade mais tradicionais. Um exemplo típico na sociedade tecnológica é o carácter sagrado concedido à velocidade; e isto é especialmente verdadeiro quanto à aceleração. Mas não foi preciso passarem séculos para

que se descobrisse o carácter precário dessa saída. A velocidade não toca o coração do homem, mesmo que ela aumente a gama das suas possibilidades: podemos ler mais rapidamente, ter mais informação disponível, realizar mais operações que doutra forma seriam lentas e complicadas, podemos ser confrontados com muito mais opções, etc. Mas com a velocidade não se estimula a qualidade de vida nem o poder real do homem, porque das duas uma: ou o tempo parece ilimitado (e exige sempre mais, para que não cessemos de estar satisfeitos com o que conseguimos) ou então nós próprios parecemos limitados (e daí que sejamos incapazes de saborear as possibilidades que nos estão abertas). E tudo isto acontece mesmo se assumirmos o funcionamento eficiente e equitativo deste mundo tecnológico.

A redenção do tempo, que o homem secular não entende como um escape ao tempo mas como a sua purificação, não poderá ocorrer pelo incremento da sua velocidade, nem, pelo contrário, pelo seu retardamento ou eventual paragem total. Não seria a aceleração do tempo nem a sua paragem o que nos ajudaria a «ganhar as nossas vidas». Os dois extremos: o de querer construir uma tecnologia aperfeiçoada, ou mais humanizada, ou o de querer destruí-la ou pura e simplesmente dispensá-la são, na minha opinião, **praticamente** ineficazes. Também teoricamente são errados, porque remendos e tentativas de reforma num sistema ferido mortalmente não são soluções. Mas querer parar toda a máquina do mundo seria igualmente utópico, mesmo para uma pequena elite. Nenhuma destas atitudes poderia trazer uma solução equilibrada e adequada, mesmo se, como solução, fosse viável.

O SACRIFÍCIO DA REALIDADE SECULAR

Se é verdade que o traço mais saliente da cultura moderna é a sua mentalidade secular e que o cerne da secularidade é o reconhecimento do carácter central e inelutável do tempo, a questão básica da modernidade será a de descobrir como é que o homem poderá dominar o tempo.

Haverá alguma forma de o homem moderno descobrir algo construído no coração mesmo do tempo, inseparável do tempo e no entanto sem que com ele se confunda? É a isso que chamei «tempiternidade»: nem se trata de um tempo eterno, nem de uma eternidade «post-temporal», mas da própria alma do tempo.

O sacrifício é um conjunto de acções que se dirigem a esse coração «tempiterno» da realidade e que por isso nos dão, em primeiro lugar, uma

consciência do valor transcendente dos nossos actos mais autênticos; e, em segundo lugar, essas acções dão-nos a possibilidade de actuar com o poder que é inerente a esses actos.

O sacrifício secular não é uma forma nova de acto ritual, mas antes um espírito, ou um outro grau de consciência presente nas acções litúrgicas do homem.

Por esse espírito situar-nos-emos então frente ao insuspeitado e ao imprevisto: por ele serão postas em risco as nossas vidas — eventualmente perante a morte e, na melhor das hipóteses, perante a ressurreição.

R. Panikkar, in *The Study of Time III*,
Springer-Verlag, N. York, 1978.